



FACULDADE METROPOLITANA
NORTE RIOGRANDENSE

FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE
DIRETORIA DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RALINE SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DAS
AÇÕES ESCOLARES**

NATAL/RN

2023

RALINE SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DAS
AÇÕES ESCOLARES**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ms. Adriana Mônica Oliveira

NATAL/RN

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Immanuel Kant – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense

S586c Silva, Raline.

Contribuições do coordenador pedagógico como mediador das ações escolares. – Natal, 2023.

39 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Metropolitana Norte Riograndense, Departamento de Pedagogia. Natal, RN, 2023.

Orientadora: Profa. Ms. Adriana Mônica Oliveira.

1. Educação – Monografia. 2. Profissional pedagogo – Monografia. I. Oliveira, Adriana Mônica. II. Título.

CDD – 370

CDU – 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira – CRB – 15/925

Índice de catálogo sistemático:

1. Educação – 370
2. Educação. Ensino. Instrução – 37

RALINE SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO MEDIADOR DAS
AÇÕES ESCOLARES**

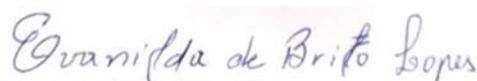
Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN) como pré-requisito para a obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Monografia apresentada e aprovada em 27/01/2023, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA



Orientadora Profa. Ma. Adriana Mônica Oliveira
FAMEN



Profa. Ms. Evanilda de Brito Lopes
FAMEN



Prof. Esp. Otacílio Marcelino do Nascimento
FAMEN

NATAL/RN
2023

É importante lembrar que, antes de qualquer coisa, a coordenação é exercida por um educador, e como tal deve estar no combate a tudo aquilo que desumana a escola: a reprodução da ideologia dominante, o autoritarismo, o conhecimento desvinculado da realidade, a evasão, a lógica classificatória e excludente [...].

(Vasconcellos, 2002)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente todo o tempo, na minha mente e no meu coração.

À minha família, a minha base de tudo, que sempre me apoiou e me fez acreditar que todo sonho é possível, principalmente Rany, Luciano e Lara. Aos meus irmãos queridos que sempre estiveram presentes em minha vida, me fortalecendo nos momentos de fraqueza. em especial a minha irmã Aline por me presentear sempre com tantos elogios bonitos e incentivos.

À minha prima Yasmin pelo constante apoio e paciência em toda a minha trajetória do curso e em todos os meus dias.

Aos amigos da turma, pela compreensão em muitos momentos de dificuldades.

À Faculdade FAMEN, instituição séria e acolhedora, que permite o progresso dos seus alunos.

Aos professores da FAMEN, em especial à Professora Mestre Adriana Mônica, minha orientadora que me deu forças, nos momentos quando pensei em desistir, me fazendo acreditar que sou capaz de subir vários degraus acadêmicos. Minha gratidão também à professora Liliane Câmara, pelos seus conselhos e por me dar um norte sempre que precisava.

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que acreditaram e estiveram comigo, de forma direta ou indireta, durante esse primeiro passo da minha jornada acadêmica.

RESUMO

Pesquisar sobre o coordenador pedagógico e o seu desempenho no espaço escola, atuando como articulador e mediador das ações e das relações pessoais, consiste em um trabalho de importância para todos os envolvidos na educação. Alguns autores fazem críticas aos exageros de tarefas que são designadas ao coordenador, como se ele fosse de fato, responsável por todas as questões e demandas da escola. A escolha do tema deste trabalho, se deu a partir da conscientização da importância desse profissional na escola, para que as demandas referentes ao ensino e a aprendizagem dos alunos possam ser atendidas de forma justa e responsável. Através de uma análise histórica, podemos compreender os vários contextos desafiadores referentes ao exercício da coordenação pedagógica. Esse trabalho de Conclusão de Curso – TCC, tem como objetivo, fortalecer a importância da presença do coordenador pedagógico na escola, pois, para que as questões pedagógicas possam ser alinhadas, debatidas e refletidas, a mediação desse profissional é de extrema positividade tanto para o ato de ensinar quanto para o ato de aprender. Através da pesquisa bibliográfica, foi possível a concretização teórica que fundamenta todas as informações contidas ao longo deste trabalho de pesquisa, para tanto, buscamos as contribuições dos estudiosos da área pesquisada, como Orsolon (2001), Campos e Aragão (2012), Libâneo (2015), Nicolli e Carvalho (2017), Diaz e Perez (2023), entre outros autores que estudam sobre o coordenador pedagógico e sua importância no espaço da escola. Estruturamos este TCC com pontos que abordam, desde a trajetória histórica do coordenador, às suas atribuições, as quais são diversas e abrangentes. Assim sendo, consideramos relevante a temática em questão, e esperamos que através dela, os leitores possam sentir a necessidade de buscar mais informações sobre esse profissional indispensável no espaço educacional.

Palavras-chave: Coordenador; mediador; desafios.

ABSTRACT

Research the pedagogical coordinator and his performance in the school space, acting as an articulator and mediator of actions and personal relationships, it consists of work of importance for everyone involved in education. Some authors criticize the exaggerations of tasks assigned to the coordinator, as if he was, in fact, responsible for all the school's issues and demands. The choice of the theme of this work was based on awareness of the importance of this professional at school, so that the demands regarding teaching and student learning can be met fairly and responsibly. Through From a historical analysis, we can understand the various challenging contexts relating to the exercise of pedagogical coordination. This work of conclusion of Course – TCC, aims to strengthen the importance of the coordinator's presence pedagogical at school, therefore, so that pedagogical issues can be aligned, debated and reflected upon, the mediation of this professional is extremely positive both for the act of teaching and for the act of learning. Through search bibliographical, it was possible to achieve theoretical concretization that underpins all information contained throughout this research work, to this end, we sought the contributions from scholars in the researched area, such as Orsolon (2001), Campos and Aragão (2012), Libâneo (2015), Nicolli and Carvalho (2017), Diaz and Perez (2023), among other authors who study the pedagogical coordinator and their importance in school space. We structured this TCC with points that address, from the historical trajectory of the coordinator, his duties, which are diverse and comprehensive. Therefore, we consider the topic in question relevant, and we hope that through it, readers may feel the need to seek more information about this essential professional in the educational space.

Keywords: Coordinator; mediator; challenges.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de articulação do coordenador pedagógico	22
Figura 2: Diagrama da mediação do coordenador por categorias	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ANÁLISE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA.....	13
2.1 Fundamentos teóricos sobre o coordenador.....	18
3 ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	22
4 O COORDENADOR COMO MEDIADOR ESCOLAR.....	27
5 METODOLOGIA.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Abordar a temática referente ao coordenador pedagógico como mediador escolar, trata de uma pesquisa de importância para o cenário da educação. Muitas vezes lhe atribuem atividades que extrapolam os seus deveres, por isso, é necessário que os profissionais da educação busquem conhecer a evolução histórica e as atribuições que lhe são cabíveis.

Alguns autores fazem críticas aos exageros de tarefas que são designadas ao coordenador, como se ele fosse de fato, responsável por responder todas as questões e demandas da escola. Neste trabalho, tentamos abordar essas e outras questões, para que se possa compreender a dinâmica de trabalho desse profissional.

O coordenador pedagógico deve ser afetivo e seguro das suas ações para conseguir traçar estratégias para o bom funcionamento da escola, pensando também na resolução dos conflitos e nos desafios que poderá enfrentar, quando a situação exigir mudanças comportamentais. Sua atuação direta com professores e alunos, permitem que os conheça e assim, partindo de uma realidade de contexto, sua mediação pensando no desenvolvimento tanto do ensino quanto da aprendizagem, poderá fluir de forma positiva.

Nesse contexto pedagógico, temos como objetivo neste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentar o coordenador como peça indispensável ao bom funcionamento pedagógico da escola, assim também como agente de mediação entre vários segmentos e pessoas. A escolha do tema se deu, pelo fato de reconhecer o trabalho pedagógico como essencial ao desenvolvimento da escola como um todo e também como colaborador para a aprendizagem dos alunos, uma vez que a coordenação faz as devidas intervenções e mediações, de acordo com as demandas e dificuldades que surgem no cotidiano escolar.

Para a construção deste TCC, buscamos as contribuições dos estudiosos da área pesquisada, como Orsolon (2001), Campos e Aragão (2012), Libâneo (2015), Nicolli e Carvalho (2017), Diaz e Perez (2023), entre outros autores que estudam sobre o coordenador pedagógico e sua importância no espaço da escola. Dessa forma, a metodologia se concretizou através da pesquisa de natureza bibliográfica e da pesquisa de abordagem qualitativa.

Em sua estruturação, abordamos, além desta parte introdutória, uma análise histórica da educação brasileira e da coordenação pedagógica, onde pesquisamos sobre os avanços ocorridos ao longo das épocas, do papel e da funcionalidade do coordenador pedagógico; como subtópico, trouxemos os fundamentos teóricos sobre o coordenador, apresentando as concepções dos autores sobre esse profissional indispensável no ambiente escolar.

Na seção três discorreremos sobre as atribuições do coordenador pedagógico, na tentativa de retirar alguns mitos em relação às suas funções escolares; na quarta seção, a última referente à revisão de literatura, focamos no coordenador como mediador escolar, apresentando vários segmentos que podem ser mediados por ele, além do gerenciamento de pessoas.

Também descrevemos sobre a metodologia adotada na construção deste trabalho, onde realizamos uma pesquisa de natureza bibliográfica e a pesquisa de abordagem qualitativa, as quais foram fundamentadas; posteriormente as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 ANÁLISE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Para compreendermos a atuação do coordenador pedagógico na atualidade, é necessário nos reportarmos ao passado, para compreendermos melhor seu contexto de atuação. A visão do trabalho pedagógico, com olhar de fiscalização, foi iniciada no Brasil a partir das escolas dos jesuítas. Através do documento denominado *Ratio Studiorum*, publicado no ano de 1599, que determinava a tais escolas uma unidade de atuação educacional, assegurando os interesses da Igreja Católica.

Segundo Manacorda (1999, p. 202), os jesuítas, considerados “[...] campeões máximos na luta da Igreja Católica contra o protestantismo, precisavam assegurar o cumprimento das regras estabelecidas no *Ratio Studiorum*”. Nesse contexto, nas escolas existiam os prefeitos de estudos, os quais atuavam como fiscalizadores, para a observância de que as regras dispostas no documento estariam sendo rigorosamente cumpridas.

Com o advento das Reformas Pombalinas, as quais defendiam as ideias anticlericais, sob a influência do movimento doutrinário denominado de enciclopedismo, ocorreu a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias. Dessa forma, em 1759, no Brasil, a organização das escolas jesuíticas. Nessa época, a organização era constituída por 17 colégios e seminários, 25 residências, 36 missões, “sem contar os seminários menores e as escolas de ler e escrever, instaladas em quase todas as aldeias e povoações onde existiam casas da companhia de Jesus” (Azevedo, 2010, p. 130). Diante da situação da expulsão, o Brasil ficou sem sistema de ensino organizado por longo período.

Em 1772, o governo lançou as aulas régias, as quais tinham o ensino de disciplinas de forma isolada como isoladas como cálculo, letras, artes, latim, grego e retórica. As aulas eram ministradas por leigos e padres. Já em 1799, Portugal autorizou o direito de nomear um professor por escola, anualmente, para visitar as aulas e colher informações sobre o estado de instrução. Os professores nomeados atuavam como fiscalizadores do funcionamento das escolas, dos métodos de ensino, do comportamento dos professores e do aproveitamento dos alunos. É perceptível a presença da prática de fiscalizador, no momento em que, pela primeira vez na história, o governo assumia a responsabilidade da educação no Brasil.

Ainda segundo os estudos de Azevedo (2010), no ano de 1808, fugindo da ocupação francesa, a Coroa Portuguesa instalou-se no Brasil, sob o comando de Dom

João VI, objetivando atender as necessidades culturais e educacionais direcionadas à nobreza, assim, Dom João VI implantou várias medidas no âmbito educacional e cultural. Como nenhuma medida foi tomada em prol das condições culturais, sociais e econômicas da população, as aulas régias permaneceram durante todo período.

A primeira lei para instrução pública, foi promulgada em 1827. Esta lei tinha como determinante a criação de escolas de primeiras letras nas cidades vilas e nos vilarejos; propondo um método de ensino mútuo, de origem inglesa, cujos alunos mais adiantados, sob supervisão de professores, instruíam os outros alunos que apresentavam mais lentidão de aprendizagem. nesse contexto, a ação fiscalizadora era de responsabilidade do professor.

No período da Primeira República, a educação continuou com os mesmos preceitos das bases trazidas desde a Colônia e do Império. Nos primeiros anos do regime republicano, as questões educacionais não sofreram alterações significativas, contudo, a fiscalização, a orientação, o controle e a inspeção do processo educacional eram tarefas do inspetor escolar, precedendo a função do atual coordenador pedagógico (Roman, 2001).

Segundo os estudos de Medina (2014) foi em 1920 que surgiu no Brasil a figura dos técnicos em educação, tal categoria foi impulsionada pelos ideais da Escola Nova e da criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), nessa perspectiva histórica, este ficou sendo o primeiro momento da coordenação pedagógica no Brasil.

O Departamento Nacional de Ensino e o Conselho Nacional de Ensino foram criados em 1925, marcando o início de órgãos educacionais específicos, uma vez que, até então, os assuntos pertinentes à educação estavam vinculados a outras instituições tais como Correios e Telégrafos, Ministério da Instrução e Ministério da Justiça. Nesse contexto, o papel do inspetor escolar passa a ter predominância escolar de orientação pedagógica ao invés de fiscalizador, passando esse profissional a ser chamado de supervisor.

Observamos que o avanço das denominações sobre o coordenador e suas atribuições, ao longo do tempo foi passando por alterações, obedecendo os critérios que regem o poder referente a cada época.

A separação entre o âmbito administrativo e técnico sinaliza a condição para a desvinculação da figura do supervisor da figura do diretor e do inspetor. É quando se quer emprestar à figura do inspetor um papel predominantemente de orientação pedagógica e de estímulo à competência técnica, em lugar da fiscalização para detectar falhas e aplicar punições, que esse profissional passa a ser chamado de supervisor (Saviani, 2008, p. 26).

Em 1930, com Getúlio Vargas na presidência, o Brasil seguiu rumos para uma sociedade capitalista nacionalista, promovendo uma sequência de reformas educacionais, dentre elas, a criação de cursos de Pedagogia, que além de formar professores para ministrarem disciplinas específicas dos cursos direcionados à formação de professores, formar também técnicos em educação, cujas funções não eram bem definidas na época. Este período da história da educação, sob a ótica de Medina (2014), representa o segundo momento da coordenação pedagógica no Brasil.

A função de coordenador pedagógico surgiu no Estado da Guanabara (atual Cidade do Rio de Janeiro), em 1961, inicialmente sendo chamado de coordenador distrital.; contudo, em 1965, passou a chamado de orientador pedagógico, atuando em várias escolas; em 1969, o coordenador passou a atuar em apenas uma escola, desenvolvendo acompanhamento técnico aos professores do então Ensino Primário. Sua função já não era mais de fiscalizador, e sim, de orientador dos docentes, estimulando e/ou corrigindo, aplicando planos e programas elaborados pelos serviços técnicos e por métodos por eles sugeridos, sem causar danos à autonomia didática e metodológica do professor. “O papel principal do coordenador era, caracteristicamente, a de um controlador das aplicações dos métodos que aperfeiçoassem as condições de ensino-aprendizagem dos alunos” (Lourenço, 1987, p. 19).

a Supervisão Educacional foi criada num contexto de ditadura. A Lei 5.692/71 a instituiu como serviço específico da Escola de 1º. E 2º. Graus (embora já existisse anteriormente). Sua função era, então, predominantemente tecnicista e controladora e, de certa forma, correspondia à militarização Escolar. No contexto da Doutrina de Segurança Nacional adotada em 1967 e no espírito do AI-5 (Ato Institucional n. 5) de 1968, foi feita a reforma universitária. Nela situa-se a reformulação do Curso de Pedagogia. Em 1969 era regulamentada a Reforma Universitária e aprovado o parecer reformulador do Curso de Pedagogia. O mesmo prepara predominantemente, desde então, “generalistas”, com o título de especialistas da educação, mas pouco prepara para a prática da educação (Vasconcelos, 2007, p. 5).

A partir da década de 1970, época em que se sentiu a necessidade de um profissional capacitado para acompanhar os professores em suas práticas diárias, atuando de fato como um orientador, há uma intensificação sobre o desenvolvimento do coordenador pedagógico, sobretudo, a denominação de coordenador pedagógico inicialmente ainda não existia, pois seu papel era basicamente o de controlar as aplicabilidades dos métodos que aperfeiçoassem as condições do ensino e da aprendizagem dos alunos (Lourenço, 1987).

Os estudos de Horta (2007) nos mostram que em meados de 1980, através das primeiras associações de supervisores educacionais no Brasil, ocorreram tentativas de preparar supervisores para implementar as reformas educacionais em território nacional, tencionando a descentralização do ensino, a reestruturação e dinamismo do currículo e incentivo à formação técnica profissionalizante.

Ao final dos anos 80, as nomenclaturas como coordenador, coordenador pedagógico, coordenador de aluno, coordenador de área ou de disciplinas, vêm em conjunto com os demais termos utilizados para designar a ação supervisora nas escolas (Horta, 2007, p. 33).

Com o movimento Diretas já e com a promulgação da Constituição Federal – CF de 1988, o clima da sociedade já se apresentava leve, as pessoas se sentiam mais livres para irem em buscas dos seus ideais e conquistas sociais, aceitando menos as práticas de autoritarismo. Com o novo desenho político e econômico, o papel do supervisor escolar começa a perder espaços, assim sendo, em meados de 1980, alguns estados brasileiros começaram a utilizar o termo coordenador pedagógico para designar a pessoa que passaria a assumir a responsabilidade da garantia da qualidade educacional e da aprendizagem (VENAS, 2012).

Ainda sobre as nomenclaturas, os estudos de Oliveira (2017, p. 95) afirmam que “o cargo coordenador pedagógico surge na Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo pela primeira vez em 1985, através do Regimento Comum das escolas municipais”. Ainda, segundo a mesma autora, na década de 1990, é retomada a posição de supervisor escolar ao coordenador.

O supervisor era responsável por implementar propostas curriculares oriundas dos órgãos oficiais; ressaltando que, para assumir tal cargo, deveria ter formação mínima coerente ao cargo ocupante, respeitando o que estabelece a Lei de Diretrizes

e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei de nº 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996, em seu artigo 64:

A formação de profissionais de educação para a administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a Educação Básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação a critério da instituição de ensino, garantindo nesta formação, a base comum nacional (Brasil, 1996).

Percebemos que a LDB vem reforçar a exigência de formação acadêmica mínima para a atuação em cargo de coordenador pedagógico, ou seja, graduação em Pedagogia ou pós-graduação em áreas correlatas, em consonância aos parâmetros estabelecidos nacionalmente.

No final de 1980 e início de 1990, vários estudiosos educacionais influenciaram na prática dos supervisores pedagógicos, tais como Paulo Freire, Wagner Gonçalves Rossi, Celestino Alves da Silva Junior, Luiz Antônio de Carvalho Franco, Mariano Fernandes Enguita, entre outros, que, em suas abordagens, compreendem a função social da escola como processo de produção formadora. Nessa perspectiva, o supervisor escolar é visto como pessoa importante para o bom funcionamento dos processos de ensino e de aprendizagem, devendo “trabalhar com o professor na identificação das necessidades, das satisfações, das perguntas, das respostas possíveis e das inúmeras dúvidas que vão surgindo no fazer diário [...]” (Medina, 2014, p. 50).

A Lei nº 9.394/96 (Brasil, 1996) ressignifica as práticas do coordenador e a sua relevância para o trabalho integrado ente escola e família, tendo como princípio a gestão democrática. Com isso, concebemos o trabalho do coordenador como essencial ao funcionamento de qualidade educacional, uma vez que ele assume também o papel de mediador nas mais diversas circunstâncias e públicos escolares.

2.1 Fundamentos teóricos sobre o coordenador

Ao fazermos o questionamento quem é o coordenador pedagógico? Obviamente a resposta seria: um profissional que trabalha com todas as questões pedagógicas escolares; no entanto, vai mais além da dimensão pedagógica, pois, “possui caráter mediador junto aos demais educadores, atuando com todos os protagonistas da escola no resgate de uma ação mais efetiva e de uma educação de qualidade nas escolas” (Grinspun, 2006, p. 31). Dessa maneira, atuando com todos que fazem parte da escola, ele abarca também as questões administrativas e de pessoal.

O profissional coordenador precisa ter a convicção da complexidade das situações educativas, as quais trazem consigo anseios diversos, conflitos de convivência; situações essas que exigem uma postura ética e segura sobre as suas tomadas de decisões. Pertence ao sistema de supervisão, desempenhando ações de assessoramento ao gestor escolar. Essa tarefa de coordenar o pedagógico não é uma tarefa fácil. É complexa porque envolve clareza de posicionamentos políticos, pedagógicos, pessoais e administrativos [...]” (Franco, 2008, p. 128).

Libâneo (2001) nos apresenta o coordenador pedagógico como um profissional integrador e articulador das práticas escolares e, junto aos docentes, deve prestar assistência, provocando a reflexão sobre as suas práticas, auxiliando também os alunos, no tocante à aprendizagem.

O coordenador pedagógico no ambiente escolar constitui a articulação das ideias e recursos que atendam às necessidades dos professores e dos alunos, pois, é um profissional que articula as atividades pedagógicas em todo ambiente escolar para garantir a qualidade do ensino; que atua com a crítica em momento exato, ampliando o horizonte para a conquista de participação (Vasconcellos, 2007, p. 59).

De certo, muitos exercem a função sem ter a certeza de quais são suas atribuições, ou seja, uns assumem por indicação política, sem quaisquer experiências; outros não receberam formação apropriada e não apresentam o perfil de articulador, de mediador das relações interpessoais.

Christov (2003) trata da importância da formação continuada, objetivando sempre buscar conhecimentos para contribuir nas orientações direcionadas aos professores. Segundo a autora, os conhecimentos advindos da formação continuada, contribuem de forma significativa na compreensão sobre as ações docentes.

A educação continuada do coordenador pedagógico, para ter realmente sucesso dentro do contexto escolar, deve ter como objetivo central a reflexão sobre a prática, tendo em vista uma reconstrução da autonomia intelectual não só para si, mas para toda equipe escolar (Christov, 2003, p. 10).

Oliveira (2017) reforça que também é função da coordenação, viabilizar e mediar à formação continuada dos professores, na tentativa de encontrar alternativas para conciliar o apoio e a formação dos professores, sem desmerecer as atuais exigências educacionais.

O coordenador pedagógico articula sobre os processos de ensino e de aprendizagem, propiciando um clima de trabalho harmonioso, considerando a diversidade existente, criando um vínculo de confiança para que as situações vivenciadas possam ser proveitosas para todos os envolvidos no âmbito escolar. Assim sendo, estar colocando os seus saberes em prática, articulados com os saberes dos demais colaboradores da escola.

De acordo com Freire (1982), o coordenador pedagógico, em sua atuação primeira, é um educador e, por assim ser, deve ser e estar sempre atento às situações de ordem pedagógica, no tocante às relações de aprendizagens e de ensino no espaço da escola.

Para Libâneo (2015, p. 183)

[...] o Coordenador Pedagógico é aquele que responde pela viabilização, integração e articulação do trabalho pedagógico, estando diretamente relacionado com os professores, alunos e pais. Junto ao corpo docente o coordenador tem como principal atribuição a assistência didática pedagógica, refletindo sobre as práticas de ensino, auxiliando e construindo novas situações de aprendizagem, capazes de auxiliar os alunos ao longo da sua formação.

Lima e Santos (2007, p. 79) fazem referências às comparações em relação ao trabalho do coordenador “[...] a de bombril (mil e uma utilidades), a de ‘bombeiro’ (o responsável por apagar o fogo dos conflitos docentes e discentes), a de “salvador da escola” (o profissional que tem de responder pelo desempenho de professores) [...]”. Os autores ainda relatam que, em muitas escolas o coordenador faz os trabalhos burocráticos, de secretaria, além de, na falta dos professores, assumir a sala de aula, internos, além de resolver conflitos

No pensar de Freire (1982)

[...] o Coordenador Pedagógico é, primeiramente, um educador e como tal deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola. Ele leva os professores a ressignificarem suas práticas, resgatando a autonomia docente sem se desconsiderar a importância do trabalho coletivo (Freire, 1982, p. 69).

A presença do coordenador é de muita importância no ambiente escolar, pelo fato dele ser um articulador e estar sempre entre a gestão, os professores, os alunos e as famílias. De acordo com Freire (1982), ele direciona os docentes a refletirem sobre as suas práticas, considerando sua autonomia e deve ser um incentivador do trabalho coletivo.

Atuar na coordenação escolar sempre será um desafio, porque se lida com a diversidade de pensamentos dos professores e dos demais envolvidos. Por vezes muitas cobranças são feitas, como se tivesse que resolver todas as situações de conflitos, além de também existir professores que não aceitam opiniões sobre a mudança do seu comportamento e metodologia adotada.

Todas as funções são importantes, mas a do Coordenador Pedagógico permite ao gestor da escola estar presente em todos os espaços através do seu olhar. Ele está diretamente ligado aos professores, aos pais e aos alunos. Em meio a este processo, emerge a necessidade de formação continuada do Coordenador Pedagógico (Bairros; Marchand, 2018, p. 295).

As autoras citadas fazem um destaque para a necessidade de também o coordenador pedagógico participar de cursos de formações continuadas, para que possam aprimorar mais as suas práticas e, juntamente a outros profissionais, interagir sobre as demandas escolares e sobre as ações que apresentaram pontos positivos

para que o espaço de trabalho se torne um ambiente saudável; também para que possam apresentar as fragilidades em algumas ações, na tentativa de surgirem ideias que façam refletir sobre os reais motivos dos pontos negativos.

Vemos, na prática, a abrangência das responsabilidades que competem ao coordenador, ou seja, ele age sobre situações coletivas, sobre situações individuais; gerencia os conflitos que surgem no cotidiano da escola; colabora também na área administrativa escolar. Portanto, exercer seu perfil ético e profissional, consiste em uma ação inegável ao desenvolvimento significativo de mediação na escola.

3 ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

A função primeira do coordenador pedagógico diz respeito a organização com os professores para a elaboração do Projeto Político Pedagógico – PPP, mas, de fato, esse profissional abrange muitas atribuições, algumas delas, anteriormente citadas. De acordo com Lima e Santos (2007) os coordenadores também devem aprimorar outras competências.

- Modificar sua visão sobre as situações surgidas no ambiente de trabalho e proporcionar momentos de escuta, de acordo com a necessidades do contexto;
- Respeitar as tomadas de decisões coletivas, inclusive sobre os planejamentos;
- Perceber a escola como espaço de interação; de troca de conhecimentos;
- Conseguir acompanhar a relação professo/aluno, para que possa fazer alguma intervenção necessária;
- Ter a sensibilidade de liderança e articulação entre comunidade escolar e famílias.

Entre as suas atribuições, também cabe o gerenciamento das reuniões pedagógicas, das reuniões de pais e mestres; dos eventos ocorridos na escola; das propostas de projetos que envolvam professores/alunos/famílias; das aprendizagens dos alunos; das metodologias adotadas pelos docentes.

Espera-se, pois, que sua atuação e seu trabalho contribuam, de maneira significativa, para que se realize no interior da escola um ambiente educativo capaz de promover o desenvolvimento da aprendizagem, do conhecimento, do trabalho coletivo e interdisciplinar, da ética e da cidadania, na perspectiva de uma educação e uma sociedade cada vez mais inclusiva (Brasil, 2009, p. 5).

Piletti (2006) em seus estudos apresenta quatro dimensões referentes às atribuições do coordenador pedagógico: acompanhamento nos planejamentos dos professores; incentivo aos professores para o aperfeiçoamento profissional; promover reuniões envolvendo as famílias, visando a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem; auxiliar os professores nas situações conflituosas.

De acordo com Orsolon (2001), o coordenador pedagógico tem o potencial de mudar a realidade escolar, no momento que percebe que algumas situações pedagógicas estão desandando, seja com os professores, seja com os alunos. Para isso, ele deve ser muito seguro das suas decisões, exercendo sua função com responsabilidade. Sendo assim, pode contribuir para a transformação, conduzindo ações que levem os professores para participarem e perceberem a importância da formação continuada, para ajudar na melhoria das suas práticas em sala de aula, o que pode ser realizado dentro da própria escola.

A atividade de formação continuada se revela, nesse sentido, como um mecanismo eficaz para o desenvolvimento da competência profissional, trazendo expressivos avanços à prática docente, impactando diretamente no rendimento e aproveitamento escolar dos discentes (Nicolli; Carvalho, 2017).

Percebemos a importância da ação de formador no contexto da escola. Essa atribuição é percebida como desafiadora, pelo fato de se estar lidando com profissionais que já têm um pensamento formado, que em algumas situações se mostram resistentes às mudanças. Sobre mudanças, Orsolon (2001) comenta:

Viver num cenário de mudança não tem sido nada confortador para o educador, principalmente para o coordenador, que faz nela/dela seu foco de ação, sua parceira de trabalho. Trabalhar no sentido do “ainda não”, do “por vir” nos desafia e angustia, pois visualizamos as possibilidades de mudança sob a ótica do possível, ou seja, a nova realidade embrionária desejada. Esse movimento se dá a partir de situações concretas do educador que, consciente de seu papel e de sua sincronicidade, imprimirá direção à sua ação (Orsolon, 2001, p. 6).

Diante do que apresenta o autor acima citado, a aceitação da mudança é necessária não apenas para o professor, mas, também para o coordenador, pois para ele propor mudanças aos profissionais, precisa primeiro, não ser rígido em seus pensamentos e atitudes, dessa forma, “[...] passa a contemplar, nos processos de formação continuada, uma das estratégias possíveis para atuar como agente produtor de mudanças nas práticas dos professores”, afirma Orsolon (200, p. 47).

Os gestores escolares passam a ser espelhos para que os processos de ensino e de aprendizagem caminhem de mãos dadas. As intervenções pedagógicas são reforçadas a partir do conhecimento das fragilidades dos professores e dos alunos, na tentativa de mudar o quadro de defasagem, de metodologia arcaica; tornando positivo o clima de organização da escola.

Para Nicolli e Carvalho (2017), a intervenção do coordenador pedagógico também diz respeito a saber lidar com comportamentos de todos os protagonistas da escola; saber lidar com a falta de respeito, violência, desobediência, agressividade, falta de limites e outras atitudes dos alunos; saber lidar com a resistência dos demais profissionais, no que diz respeito às suas atitudes limitadoras para uma prática educacional mais dinâmica e desejável pelos alunos.

Diante das intervenções bem definidas, partindo de um diagnóstico amplo sobre toda a escola, o espaço torna-se mais harmonioso, possibilitando um avanço em todos os aspectos. A parceria entre todos os profissionais da escola é fato indispensável, e, diante desse quadro, o papel da coordenação exerce influência nesse processo de mudanças.

O trabalho do coordenador ao acompanhar as práticas docentes, de forma a construir uma parceria equilibrada, torna-se uma ação importante para que haja uma quebra de metodologias tradicionais, fazendo com que ocorra harmonia o espaço da escola. Para isso, como ponto de partida, deve buscar conhecer as necessidades apresentadas pelos professores.

De acordo com os estudos de Zen (2012) o coordenador pedagógico também é responsável pela sala de aula “[...] pelo trabalho realizado pelo professor e pelos resultados dos alunos. Ele faz parte do corpo de professores e sua função principal se divide entre a formação de professores e a gestão do Projeto Político Pedagógico da escola” (Zen, 2012, p. 8).

Percebemos quão extensas são suas atribuições na escola, os desafios são constantes, as cobranças por algo não correr bem na parte pedagógica, muitas vezes se atribui a culpa para a coordenação; outras vezes, esse profissional faz uso de autoritarismo, não compreendendo as limitações de alguns professores, sendo radical, direcionando algo que não pratica.

Numa visão positiva sobre as ações de coordenação, o estudioso da área, Vasconcellos (2007), afirma que a supervisão pedagógica organiza a participação dos educadores e sua reflexão acerca das suas ações docentes, fato que atinge positivamente a aprendizagem dos alunos.

É importante lembrar que, antes de qualquer coisa, a coordenação é exercida por um educador, e como tal deve estar no combate a tudo aquilo que desumana a escola: a reprodução da ideologia dominante, o autoritarismo, o conhecimento desvinculado da realidade, a evasão, a lógica classificatória e excludente (repetência ou aprovação sem apropriação do saber), a discriminação social na e através da escola, etc. (Vasconcellos, 2007, p. 87).

A tarefa do coordenador é meramente pedagógica e assim ele deve a reconhecer, pois seu contato é direto com professores e alunos, na tentativa de um funcionamento educacional mais eficaz, ouvindo cada uma das partes, intervindo, sugerindo e propondo atividades que façam valer tanto o ensino quanto a aprendizagem. Nesse caminho, todos contribuirão para o sucesso da escola.

Vasconcellos (2007), apresenta essa prática da coordenação em três dimensões: reflexiva, que ajuda no entendimento sobre o aprender; organizativa, quando faz a mediação entre todos os envolvidos no espaço escolar; conectiva por ser um canal de ligação entre todos da escola e famílias; avaliativa, quando viabiliza a reflexão sobre o processo de ensino, possibilitando uma retomada. Dessa forma, o profissional não será visto como um controlador, mas, como um colaborador dos processos escolares.

O desempenho do coordenador pedagógico vai além do apoio e orientação ao professor perante o processo difícil que é o de ensino e de aprendizagem. A própria atmosfera da escola é uma mistura de diferentes realidades, seja ela de caráter econômico, social, cultural ou político, ainda podemos dizer que a individualidade e as relações dos grupos são fatores que também estão presentes na escola e que contribuem para transformar o cotidiano do coordenador pedagógico (Egito, 2014, p. 17).

Devido a diversidade de pessoas, de pensamentos, de concepções, de aceitações, de costumes, a escola passa a ser um espaço desafiador para todos, contudo, diante dessa diversidade, surgem possibilidades, diante dos conhecimentos, também diversificados.

A intervenção, como uma das atribuições do coordenador, deve contemplar as necessidades dos docentes e dos discentes, priorizando as mais urgentes, dessa forma, do ato de mandar um comunicado aos pais, para comparecem à escola ao de promover uma reunião com o corpo docente para tratar de situações específicas ao ensino, o profissional está desempenhando sua função de mediador, visando a melhoria dos processos escolares. Dessa forma, é compreensível que a intervenção pedagógica é abrangente em sua comunicação, assumindo uma abordagem que possa ajudar nas mudanças do que não está fluindo, na tentativa de deixar o ambiente escolar harmonioso e desejável de estar nele.

4 O COORDENADOR COMO MEDIADOR ESCOLAR

Entendemos por mediador, o ato de ser uma ligação entre pessoas ou grupos, objetivando o desenvolvimento da qualidade de serviços prestados pela instituição. Na escola, o coordenador não medeia apenas professor e alunos, mas, todos os envolvidos no processo educativo escolar. O coordenador pedagógico oferece assistência didático-pedagógica e articula também os saberes dos alunos em função das práticas dos professores.

Figura 1: Mapa de articulação da Coordenação Pedagógica



Fonte: Diaz e Perez (2023)

O mapa acima apresenta a articulação efetivada pelo coordenador com os mais diversos segmentos, apontando também as atribuições, pois, através delas, o profissional deverá desenvolver a sua habilidade de mediar e articular, com o objetivo central, que diz respeito ao desenvolvimento do aluno, mas, para que isto ocorra, é indispensável a prática docente que estimula e faça o aluno desejar estar na escola e aprender.

De acordo com Placco e Almeida (2015), o coordenador é um elo entre direção, professor e aluno, e sua ação mediadora o faz ter um olhar investigativo, que possa provocar a análise e a reflexão na comunidade escolar, de forma a saberem, coletivamente, enfrentar os desafios existentes no espaço da instituição de ensino, com tomadas de decisões a partir da escuta de todos os envolvidos. Ele é visto como o profissional que tem a responsabilidade sobre o envolvimento e a organização dos professores, para que os objetivos escolares sejam alcançados.

a impossibilidade de o coordenador fazer a mediação dos diversos processos que se encadeiam na escola constitui-se como mais um elemento dificultador da implementação de relações e práticas de melhor qualidade, na escola, podendo ser, também, uma das causas da aparente falta de avanço dos processos de ensino e aprendizagem. Ou seja, falta mediação nas escolas (Placco; Almeida, 2015, p. 48).

Na concepção das autoras acima, mediar as ações e as pessoas no ambiente da escola, é considerado um ponto de dificuldade, pelo fato de nem todas as pessoas envolvidas permitirem mudanças que possam avançar na qualidade dos serviços oferecidos pela escola. Sua atuação mediadora, portanto, acontece entre os indivíduos e os conhecimentos educacionais e das disciplinas; entre docentes e discentes; entre escola e famílias.

Professores e também o coordenador aprendem e se formam quando planejam suas ações, quando propõem alternativas para o trabalho, quando avaliam suas interlocuções com vistas a redimensioná-las (Campos; Aragão, 2012, p. 54).

A rotina escolar traz situações que exigem respostas imediatas e adequadas por parte do coordenador pedagógico – CP, e ele, também como mediador das rotinas escolares, precisa por vezes, deixar de lado o que está planejado para atender as demandas imprevistas, mas, nessa situação, deve também saber equilibrar, para que as situações emergenciais não superem às ações que já estão organizadas, pelo corpo docente e pela equipe gestora.

O planejamento, que não deixa de ser uma formação em serviço, pensada na e sobre a escola, é uma ferramenta indispensável para a organização do trabalho do professor, também deve ser mediado pelo coordenador; planejar requer disposição para conhecer a realidade que cerca os educandos, é uma ação coletiva que deve ter olhares sobre a diversidade escolar.

A formação centrada na escola implica responsabilidade do professor nos âmbitos individual e coletivo. Quando se trata do coletivo, a escola entra em cena e, juntamente com os demais docentes, o coordenador pedagógico, que tem suas funções voltadas para o entrelaçar de questões do cotidiano escolar com o processo de formação continuada docente. (Campos; Aragão, 2012, p. 40)

A formação continuada, como o próprio nome diz, deve ser constante, e deve envolver todas as questões que surgem dentro do âmbito da escola, com o objetivo de se encontrar respostas às dúvidas; de fazer acontecer mudanças para que ocorra o desenvolvimento da escola como um todo, com isso, a coordenação sozinha não pode mudar o quadro, precisa da colaboração e da prática sobre tudo o que foi aprendido, por parte dos professores.

Por meio de sua mediação formativa, o CP poderá romper com as práticas tradicionais de formação dos professores, baseadas tão somente em teorias, não vale apenas se ter um papel que comprove a participação em cursos, se, na prática tudo ficar a desejar (Aragão; Campos, 2012).

O coordenador pedagógico precisa ser seguro, para que possa ser um agente mediador e articulador entre escola e famílias, não se permitindo abater diante das situações frequentes de dificuldades ou de incompreensões por parte dos seus pares. Ele precisa ser consciente de que não poderá dar conta de todas as situações sozinho, por isso, deve sempre socializar as situações reais com gestores, professores, alunos e famílias, na tentativa de construir um trabalho fortalecido, de forma coletiva.

O coordenador medeia o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber agir do professor. Essa atividade mediadora se dá na direção da transformação quando o coordenador considera o saber, as experiências, os interesses e o modo de trabalhar do professor, bem como cria condições para questionar essa prática e disponibiliza recursos para modificá-la, com a introdução de uma proposta curricular inovadora e a formação continuada voltada para o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões (Orsolon, 2001, p.22).

Percebemos que o coordenador pedagógico atua como um agente de transformação e formação; função desafiadora pelo fato de se lidar com pessoas que têm concepções diferentes; atitudes diferentes, ou seja, umas podem ser mais abertas a aceitação do novo, encaram naturalmente a ideia de que precisam mudar para melhorar; outras, se consideram prontas e acabadas, resistindo às mudanças que podem melhorar tanto o ensino quanto a aprendizagem, e, conseqüentemente, melhorar todo o ambiente escolar.

A escola é um lugar de embates, de jogos de poder, tensões e de contradições, que interferem nos projetos e nas relações interpessoais estabelecidas. Pensar o espaço formativo é considerar essas e outras questões que podem comprometê-lo de alguma forma (Domingues, 2014, p. 121).

O pensamento de Domingues (2014) reforça a diversidade encontrada na escola, enfatizando que, nas relações entre as pessoas, se faz necessário a compreensão mútua para que os projetos e atividades escolares sejam desenvolvidos de forma positiva.

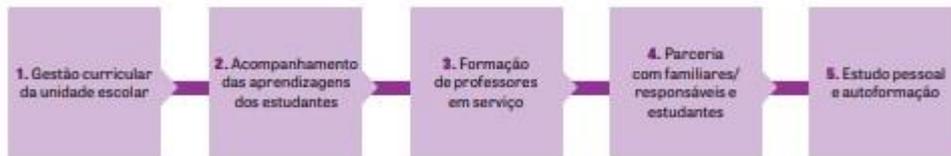
Oliveira (2020) discorre sobre o papel de articulador do coordenador pedagógico:

Como articulador, seu papel principal é oferecer condições para que os professores (seus pares na condução do fazer pedagógico) trabalhem coletivamente as propostas curriculares com ações de parceria, em função de sua realidade. Ele deve ser capaz de despertar nos membros da instituição escolar a capacidade de ser proativos, responsáveis, dinâmicos, inteligentes, com habilidade para resolver problemas e tomar decisões. Além disso, deve criar um ambiente de relacionamento mais estreito com os professores, as famílias, a comunidade, o sistema e outros elementos que possam se integrar à escola (Oliveira, 2020, p. 3).

Observamos que a dimensão do coordenador como mediador escolar é extensa, diversos autores mostram os desafios enfrentados por esse profissional, mas, também sugerem que ele não fique limitado ao que sabe, e, assim como os professores, deve procurar sua qualificação profissional de forma contínua, para que possa trabalhar de forma segura com todos os envolvidos na escola.

Diaz e Perez (2023) apresentam categorias de ação/mediação do coordenador pedagógico: gestão, estudantes, formação dos professores, parceria escola e famílias e autoformação.

Figura 2: Diagrama da mediação do coordenador por categorias
AS CINCO CATEGORIAS DE AÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA



Fonte: Diaz e Perez (2023)

O diagrama elaborado pelas autoras Diaz e Perez (2023, p. 54), objetiva organizar o trabalho coordenador como mediador escolar com os seus pares, assim também como gerar uma autorreflexão sobre a necessidade e importância de se qualificar continuamente, para que possa exercer sua função com propriedade.

A primeira categoria contempla a gestão curricular da unidade escolar nos seguintes aspectos: a mediação do CP diz respeito ao apoio e ao acompanhamento dos objetivos de aprendizagem e a garantia de que os conteúdos obrigatórios estão presentes nos planejamentos dos docentes; realização de parceria com a comunidade escolar para que sejam construídos os planos e projetos que desenham o funcionamento da escola; acompanhamento da rotina pedagógica, no sentido de colaborar com as ações dos professores em suas gestões de trabalhos e desenvolver, juntamente com os gestores, uma parceria para o gerenciamento dos recursos e a sua aplicação de forma coerente.

Para a mediação junto aos estudantes, os estudos de Diaz e Perez (2023) apresentam como ações, o acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, por meio da revisão dos instrumentos utilizados na avaliação; realização junto ao quadro docente, de propostas de estratégias voltadas ao atendimento aos alunos que mais apresentam fragilidade na aprendizagem; atendimento individualizado aos alunos que precisam reforço no processo de aprendizagem e replanejamento e redirecionamento de outras atividades avaliativas, possibilitando oportunidades aos estudantes.

A terceira categoria aponta como deve proceder a mediação da coordenação, no que se refere a formação continuada de professores.

Levantar os saberes docentes e as necessidades formativas com base na leitura de planejamentos, observação de aulas e escuta do grupo. Desenvolver um plano de formação continuada em serviço, partindo do levantamento das principais necessidades formativas e contemplando diferentes estratégias: planejamento em conjunto com os docentes; desenvolvimento de pautas de reuniões formativas; observação de aulas e análise de planejamentos seguidas de devolutivas; tematização da prática; registros reflexivos dos professores etc. η Acompanhar a ampliação dos saberes e os avanços no desenvolvimento profissional dos docentes e replanejar as ações de formação de acordo com as necessidades identificadas (Diaz e Perez, 2023, p. 56).

Seguida da mediação em formação dos docentes, vem a articulação da parceria com as famílias ou responsáveis pelos alunos. Nessa quarta categoria, direção e professores devem unir forças à coordenação e promover eventos na escola que favoreçam o estreitamento das relações, tais como palestras (partindo das necessidades iniciais das famílias); dia de lazer, reuniões, entre muitas outras ações que possam gerar um laço de confiança mútuo entre escola e famílias.

As autoras até então mencionadas, trazem como quinta categoria, um aspecto de autogerenciamento por parte do coordenador, ou seja, a categoria de estudo pessoal e autoformação, a qual prevê as questões de tempos e espaços, individuais ou grupais, para que os conhecimentos sejam ampliados. Nessa categoria de mediação consigo e com os outros, o coordenador deve fazer os registros das ações desenvolvidas, depois deverá analisá-los para detectar os pontos positivos e negativos das ações. Assim, refletindo sobre as ações, novas propostas surgirão, melhorando o que precisa e potencializando as que deram certo.

As análises dos resultados das ações também devem ser feitas de forma coletiva, considerando as opiniões de toda a equipe, o reconhecimento das fragilidades e, conseqüentemente, sugestões para o aprimoramento. No que diz respeito a autoformação, o profissional da coordenação deve buscar suas qualificações, de acordo com as demandas e suas necessidades, assim também como participar de eventos disponibilizados pelo sistema de ensino.

A escola é o melhor contexto de formação para os profissionais que atuam na Educação, pois é lá que eles se encontram imersos nos complexos processos de ensino e de aprendizagem. Os problemas reais enfrentados pela equipe docente precisam ser o foco das ações formativas, porque o objetivo comum a todos que trabalham ali é alcançar a aprendizagem plena dos estudantes (Diaz; Perez, 2023, p.114).

Nesse contexto, a escola é o espaço mais adequado para a autoformação dos profissionais, e o alvo principal para o seu desenvolvimento é a aprendizagem dos alunos. Uma aprendizagem só pode ser exitosa se o ensino for dinâmico e significativo. A mediação, intervenção e articulação do coordenador nesse processo, é de extrema importância, uma vez que seu olhar caminha entre as ações dos professores e dos alunos.

Segundo Bakhtin (2003), o termo mediação significa a relação entre indivíduos, nessa linha de pensamento, temos o coordenador, os professores e os alunos, suas ações e os reflexos que elas causam sobre o outro, o outro segundo o autor, é o canal que permite que o indivíduo enxergue sua consciência.

Levando esse pensamento para as relações ocorridas no espaço escolar, o coordenador, por meio de suas mediações, pode reconhecer suas limitações e ter consciência de que, para fazer a intervenção com o outro, deve saber até aonde deve ir, de modo a não ser invasivo, e, ao mesmo tempo, deve apresentar segurança sobre a sua prática, de forma a não deixar a desejar a sua postura ética e profissional.

5 METODOLOGIA

Para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, utilizamos a pesquisa de natureza bibliográfica e a pesquisa de abordagem qualitativa, as quais, através das teorias de autores que estudam sobre a temática deste trabalho, pudemos abordar aspectos importantes dentro do cenário da educação.

Gil (2016), relata que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida através de materiais tais como livros e artigos acadêmicos; para Severino (2013), a pesquisa bibliográfica é recorrente de outras pesquisas.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados (Severino, 2013, p. 90).

Percebemos que os autores acima comungam do mesmo pensamento sobre a pesquisa bibliográfica; e, Cervo e Bervian reforçam:

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos [...] busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. [...] constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica (Cervo; Bervian, 2002, p. 65).

As ideias dos autores acima citados, descrevem a importância da pesquisa bibliográfica para que o pesquisador possa escrever seu trabalho de maneira segura, ela é primordial, é o primeiro passo para a construção de qualquer pesquisa científica. Através dos estudos das fontes pesquisadas, o objeto de pesquisa ganha visibilidade e, posteriormente, servirá também como fonte para outras pessoas. É a pesquisa gerando mais pesquisa, e o conhecimento cada vez se apresenta como inconcluso, ou seja, nunca tem seu fim.

Em relação a pesquisa de abordagem qualitativa, trazemos os estudos de Andrade (2015), dizendo que nessa abordagem, não há preocupação em aspecto quantitativo, devido ela se direcionar para a compreensão do que está sendo pesquisado. Para o autor, as pessoas que adotam essa abordagem, são opostas àquelas que defendem um único modelo de pesquisa.

Na visão de Minayo (2007),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (Minayo, 2007, p. 14).

Através das contribuições advindas dos teóricos da área desta pesquisa, obtivemos as condições necessária para nos aprofundarmos sobre a funcionalidade do coordenador pedagógico como articulador no contexto da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O coordenador pedagógico como mediador escolar é uma temática bastante atual, de importância para todos que estão envolvidos na educação. Diante disto, é considerável conhecermos o seu aspecto histórico, para entendermos o seu avanço dentro das instituições de ensino, suas atribuições, as quais também sofreram modificações ao longo do tempo.

Lidar com os professores, com os alunos, com as famílias e com as demais pessoas da comunidade escolar, não é missão fácil, pois, implica na compreensão de diversos pensamentos, aceitações, atitudes, com isso, o coordenador precisa ter um equilíbrio próprio, para que possa trabalhar com tantas diferenças, assim, ele precisa também ter controle sobre si mesmo, para poder saber controlar as atitudes do outro.

Muito se fala na responsabilidade que a coordenação tem de promover e acompanhar a formação continuada em serviço dos professores, no entanto, pouco se debate sobre a importância de formação específica para o coordenador em serviço. Muitas vezes, ele sai da função de professor e é indicado para atuar como coordenador, sem noção nenhuma do que tem que ser feito. Às vezes, essa situação gera um espírito de autoritarismo, e assim, o clima da escola não tem como avançar positivamente; outras vezes, suas ações são corretas, mas, há resistência de mudanças por parte de alguns docentes, atingindo diretamente na aprendizagem dos alunos.

Pretendemos com esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, apresentar a importância do papel do CP para o bom funcionamento da escola em todos os seus aspectos; para a aproximação das famílias; para as relações entre professores e alunos; enfim, sua presença na escola é indispensável.

O coordenador pedagógico mobiliza todos os profissionais da escola, alunos e famílias, agindo como mediador e articulador em tomadas de decisões. Esperamos que esta pesquisa possa conscientizar os leitores sobre os desafios que existem na função de coordenação e que possa despertar o desejo de saber mais sobre as atribuições que competem ao coordenador, na tentativa de compreender a dinâmica interna da escola e as contribuições significativas da coordenação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Luiz Carlos de. **Metodologia científica**. Rio de Janeiro: FESUSP, 2015.
- AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- BAIROS, Mariângela; MARCHAND, Patrícia Souza. **Coordenação pedagógica: concepções e práticas**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2018.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Lei nº 9394/96. Brasília/DF, 1996.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. **Projeto pedagógico do curso pós-graduação lato sensu em coordenação pedagógica**. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/documentos> Acesso em: 30 de setembro de 2023.
- CAMPOS, Patrícia Regina Infanger.; ARAGÃO, Ana Maria Falcão de. **O CP e a formação docente: possíveis caminhos**. São Paulo: Loyola, 2012.
- CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **Teoria e prática: o enriquecimento da própria experiência**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- DIAZ, Patrícia; PEREZ, Tereza. **Coordenação pedagógica: identidade, saberes e práticas**. São Paulo: Moderna, 2023.
- DOMINGUES, Leandro. **O coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- EGITO, Elenice Gomes Barboza do. **O coordenador pedagógico no cotidiano escolar: dificuldades e possibilidades**. João Pessoa: UFPB, 2014.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade**. Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n. 1, p. 117-131, jan./jun. 2008.
- FREIRE, Paulo. Educação: **Sonho possível**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HORTA, Patrícia Rossi Torralba. **Identidades em jogo: duplo mal-estar das professoras e das coordenadoras pedagógicas do Ensino Fundamental I na constante construção de seus papéis.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** Goiânia: Alternativa, 2015.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas.** Revista de Educação, v. 2, n. 4, p. 77-90, jul./dez. 2007.

LOURENÇO, Eduardo. **O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações.** 2. ed. Porto: Inova, 1987.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MEDINA, Antônia da Silva. **Supervisão escolar, da ação exercida à ação repensada.** 5.ed. Porto Alegre: AGE/RS, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 26 ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2007.

NICOLLI, Aline Andréia; CARVALHO, Mark Clark Assen de. **Coordenação Pedagógica: diferentes olhares sobre as relações escolares e as práticas pedagógicas.** Rio Branco/AC: Edefac, 2017.

OLIVEIRA, Jane. Cordeiro de. **As relações de poder entre o coordenador pedagógico e o diretor da escola: algumas considerações.** Revista Educação E Emancipação, v. 10. n. 2. p.83–102. Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **O coordenador pedagógico e o seu papel no cotidiano escolar.** Revista Educação Pública, v. 20, nº 14, 14 de março de 2020.

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola.** São Paulo: Loyola, 2001.

PILETTI, Nelson. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental.** 26. ed. São Paulo: Ática, 2006.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico no espaço escolar: articulador, formador e transformador.** São Paulo: Loyola, 2015

ROMAN, Marcelo Domingues. **O professor coordenador pedagógico e o cotidiano escolar: um estudo de caso etnográfico.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2001.

SAVIANI, Demerval. **A supervisão educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da ideia.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e Projeto Pedagógico**. São Paulo: Libertad, 1995

_____. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2007.

VENAS, R. F. **A transformação da coordenação pedagógica ao longo das décadas de 1980 e 1990**. Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, São Cristóvão/SE, 2012.

ZEN, Giovana Cristina. **O papel da Coordenação Pedagógica na escola: Coordenação pedagógica em foco**. Salto para o Futuro. Ano XXII - Boletim 1 - Abril 2012, p. 8-12.